

Ignácio de Loyola Brandão. *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra nela*. São Paulo: Global, 2018.

Foi árdua a tarefa de ler *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra nela* durante o processo eleitoral brasileiro de outubro de 2018. Realidade e ficção mantiveram um diálogo angustiante sobre os caminhos possíveis para o País. Não deve ter sido por acaso o lançamento da nova obra de Ignácio de Loyola Brandão justamente nesta época de divisão da nação, discursos de ódio e avanço de uma extrema direita radical, refluxo da Operação Lava-Jato contra a corrupção sem precedentes em administrações públicas anteriores.

O Brasil de agora é o *start* para o Brasil apocalíptico apresentado pelo autor paulista, vencedor do Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 2016, pelo conjunto da obra. Os protagonistas são um casal de namorados em processo de separação. Mas a *love story* da designer Clara e do publicitário Felipe é quase um pretexto para mostrar um país destruído, sem garantias individuais, com alta taxa de mortalidade por doenças que já haviam sido controladas e outras novas, como a *Corruptela Pestífera*, que ataca corruptos, fatalmente.

Em um dos trechos iniciais, Felipe atrasa-se para encontrar a futura ex-namorada porque comboios da morte interrompem o trânsito: são trens repletos de corpos enviados para os confins do Brasil. O livro começa um tanto sinistro, mas, para alívio do leitor, torna-se, a cada página, mais sarcástico e, de repente, é possível rir de situações absurdas, porém plausíveis. Por isso, pode-se dizer, é uma distopia debochada, bem à brasileira.

Esse caos em que se encontra o Brasil - com uma Constituição de milhares de páginas (111 mil, pra exato) e, por isso, ineficaz; juízes que não mostram o rosto; capitais que mudam a toda hora para as cidades mais improváveis, como a pequena Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Brasil, reflete na própria estrutura do livro. O texto é dividido em capítulos curtos e não numerados, abertos com epígrafes - dados estatísticos, citações ou manchetes referentes aos dias de hoje, e não às décadas adiante em que se passa a narrativa, sem data precisa porque “o tempo deixou de ser medido” diante da vulgarização da vida.

Felipe precisa viver anônimo porque é perseguido por grupos politizados que se manifestam principalmente nas centenas de redes sociais. São os Eles e os Nós, uma alusão bastante explícita aos “Coxinhas” e aos “Petalhas” da vida real desta década de 2010. Ao mesmo tempo, ele procura Clara, que sumiu após o rompimento do casal, o que também sugere uma busca interior comumente em destaque em outras obras literárias brasileiras contemporâneas, como a do personagem jornalista de *Onde andaré Dulce Veiga?* de Caio Fernando Abreu, que se arrisca no país profundo para entender-se, ou da mulher que rejeita ser avó em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, e se perde sem identificação nem dinheiro numa Porto Alegre estranha. São personagens que se sujeitam a experiências no limite do humano. Há, claro, uma aproximação com uma estética *pop* apocalíptica, que se multiplica nos livros e na televisão. Mas, ressalta-se, distopia não é novidade para esse autor, que já desenhou um Brasil encrocado em *Não verás país nenhum* e no grotesco *Zero*, obras escritas durante a Ditadura Civil-Militar, e que, felizmente, foram relançadas recentemente para as novas gerações.

Nesta nova distopia, os políticos são chamados de Astutos, já que a denominação original se tornou pejorativa, andam disfarçados ou têm sócias para fugir da população. Os *impeachments* são recorrentes e ninguém senta na cadeira de presidente por muitos meses. O dinheiro é medido por malas porque a corrupção e o enriquecimento ilícito foram institucionalizados. Não há vice-presidentes, numa alusão direta ao golpe sofrido pela presidente Dilma Rousseff pelo seu vice, em 2016. As minorias são excluídas e exércitos de defensores da família percorrem as cidades para destruir obras de arte que consideram imorais.

Loyola Brandão eleva a um grau extremo as idiossincrasias desta nossa época de intolerância - basta lembrar o caso do Queer Museu em Porto Alegre - e o descaso com

a coisa pública – a matriz é a própria Lava-Jato. Assim, o autor vai dando pistas de como esses fatos atuais – vários são pontuados ao longo da narrativa – foram só o começo de um País escabroso que se refestela assustadoramente lá adiante. Às vezes, o autor torna-se repetitivo nas explicações e denominações desse contexto futuro, ou exagera no didatismo, como o de explicar que a Rua Augusto fica em São Paulo, no meio de uma ação, o que interrompe a fluidez da narrativa, mas isso acaba absorvido por um texto que, no geral, espelha o caótico. O sarcasmo está acima disso, e só com ele é possível compreender uma nação feita de zumbis e usurpadores.

Ignácio de Loyola Brandão, obviamente, quer chamar atenção para o Brasil de hoje, antes que seja tarde. Talento para isso, o Brasil tem.

Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch

Mestrando em Letras na UFRGS